



Revista

ENTRERIOS

A revista cultural da comunidade suábica de Entre Rios
Junho de 2025 / Edição nº 174 / ISSN 2526-9186

Tradição

A Festa da Árvore de Maio e seu legado cultural

Nossa Gente

40 anos de trajetória de Roseli Brandtner Essert na Agrária

Receita típica

Creme de alho "Knoblauchsoße"

Comunidade

Ampliação do Lar de Idosos

Michael Moor: **O arquiteto de uma nova pátria**

*A visionária e incansável dedicação
em prol do futuro dos Suábios do Danúbio*

Índice

03

Anna e o Castelo de Madeira

04

A Festa da Árvore de Maio deixa as tradições florescerem

07

Especial: Michael Moor – O arquiteto de uma nova pátria

10

Nossa Gente: Os 40 anos de Roseli Brandtner Essert na Agrária

12

A Agrária otimiza seus exames ocupacionais

13

Ampliação do Lar de Idosos

14

Cooperativismo: Raimundo Sauer, filho de Entre Rios

16

Receita típica: “Knoblauchsoße”

17

Notícias Gerais

ENTRE RIOS

Revista dedicada à preservação da cultura da comunidade suábica de Entre Rios.

Cooperativa Agrária Agroindustrial
Rua 5 de Maio, 745 – Colônia Vitória – Entre Rios
Guarapuava - PR - BR - 85139-400

Fundação Cultural Suábio-Brasileira
Avenida Michael Moor, 1951
Colônia Vitória – Entre Rios
Guarapuava - PR - BR - 85139-400

Equipe Editorial

Editor-chefe: Klaus Pettinger
Jornalista: Bárbara Miranda
Jornalista: Mariana Papi

Revisão

Geraldo de Carvalho
Nikita Geier
Roseli Brandtner Essert
Sandra Schmidt
Viviane Schüssler

Fotografia

BM - Bárbara Miranda
MP - Mariana Papi

Publicação

Cooperativa Agrária Agroindustrial
Fundação Cultural Suábio-Brasileira

Traduções

Geraldo de Carvalho

Design e diagramação

Mynd's Design Editorial

Assinaturas para a edição em alemão

Sandra Schmidt
sandra.schmidt@agraria.com.br
Tel. Nr. 00 55 42 3625 8528

Publicação Online

<https://suabios.com.br/revistas>

Periodicidade

Bimestral

Parceiros culturais



Lei Rouanet
Incentivo a
Projetos Culturais



Banco Safra



IREKS



Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

Anna e o Castelo de Madeira :

Continuação

Antes, uma rápida explicação – preste atenção aí!

Na edição passada, publicamos a primeira parte do conto “Anna e o Castelo de Madeira”, que atua como fio condutor da mais recente exposição temporária do Museu Histórico de Entre Rios sobre a infância dos suábios do Danúbio em Entre Rios. Como uma boa e velha Maria Fumaça, seguimos em frente com a história dos irmãos Anna e Jakob. E já aproveite para visitar a nossa nova exposição temporária – vale a pena!

(Observação: Na edição em alemão, o texto foi publicado em dialeto suábio.)

Klaus Pettinger

Por três dias e três noites, eles viajaram por entre florestas muito verdes e úmidas, de onde precipitavam véus de cachoeiras. O estrondoso barulho da Maria Fumaça, a locomotiva encantada, anunciou a chegada a uma pequena estação chamada Góes Artigas. Por trás das árvores gigantescas surgiam curiosos animais desconhecidos.

Todos os Suábios do Danúbio foram recebidos com muita festa em uma nova fortaleza. Um senhor simpático e bem vestido, com chapéu de palha e calçando umas botas de couro diferentes, disse que todos poderiam descansar na fortaleza, que ele chamava de Escola Visconde de Guarapuava. Apesar de ainda desconfortável, o lugar era muito mais agradável do que no reino da Áustria. Anna e Jakob conheceram muitas crianças, que falavam palavras de outros mundos. Mesmo assim, todos se entendiam através dos sorrisos.

Passados alguns dias, vovó avisou que finalmente iriam se mudar para o seu novo lar. Anna voltou a ficar assustada, mas Jakob ga-

rantiu que ali não havia guerra tampouco soldados, e que os dragões haviam desaprendido a voar. Eles atravessaram uma ponte e o caminhão sacolejou até uma grandiosa construção entre dois grandes rios. “Mais uma fortaleza?”, Anna quis saber. “Na verdade, um castelo comunitário”, respondeu Jakob. Havia música, dança e muita alegria em torno de tudo o que os suábios faziam. Nas horas vagas, construíam seus próprios móveis, berços e andadores com a madeira que sobrava. Enquanto cantarolavam músicas da Pátria Antiga, avós e mães tricotavam e costuravam roupas com o pouco de tecido e lã de que dispunham – e o que era dos mais velhos passaria a ser dos mais novos. Faltava em tudo, mas sobravam determinação, amor pela cultura e muita fé.

Certa manhã, ainda antes de acordar, Anna sentiu o cheiro doce do pão recém-saído do forno. Ela arregalou os olhos, acreditando ter voltado a sua Antiga Pátria, mas logo percebeu estar deitada no gigantesco castelo construído pela comunidade. Correu até a porta e viu sua avó, ao lado de muitas outras mulheres, assando pão com suas mãos firmes e ágeis, marcando três cruzeiros sobre a massa – o sinal de bênção e proteção – antes de colocá-la no forno à lenha comunitário. Emocionada, viu novamente a movimentação do trabalhador povo suábio: os jovens tratavam os ainda poucos animais, enquanto os homens e mulheres subiam nas carroças repletas de ferramentas para mais um abençoado dia na construção do seu novo lar, enquanto as crianças brincavam.

Anna abraçou sua boneca de pano de tranças douradas quando sua avó contou que a casa de sua família havia sido sorteada. Naquela noite, finalmente deitados sob um teto seguro, Anna olhou para Jakob e perguntou: “Agora acabou, não é? Vamos ficar aqui em Entre Rios para sempre? Cansei de aventuras”. Ele sorriu, bagunçando os dourados cabelos dela e da boneca. “Esse capítulo acabou, minha irmãzinha. Mas a melhor parte ainda está por vir”. E pela primeira vez, desde que partiram da Antiga Pátria, Anna dormiu sem medo em seu próprio Castelo de Madeira.

Maibaumfest

Tradição viva no coração de Entre Rios



Foto: Almir Soares Jr

Mariana Papi

No dia 1º de maio, o Centro de Eventos Agrária foi palco de mais uma edição da Maibaumfest, a tradicional Festa da Árvore de Maio, que celebra as raízes culturais da comunidade suábica com música, dança e gastronomia típicas. Sob céu limpo e sol generoso, o evento reuniu centenas de pessoas* para marcar a chegada do mês de maio e enaltecer a força de uma herança preservada ao longo das gerações.

“A Festa da Árvore de Maio tem uma importância muito grande para a comunidade, porque além de simbolizar a gratidão pela boa colheita e o início da primavera na Europa, essa tradição foi trazida pelos nossos pioneiros. Por conta disso, simboliza para nós a preservação da tradição e da cultura. É justamente por isso que mantemos a data, mesmo que aqui estejamos no outono e não na primavera”, explica Nikita Geier, coordenadora da Fundação Cultural.

Neste ano, a programação contou com cerca de 450 integrantes entre dançarinos, músicos, orquestras e grupos folclóricos, incluindo o Grupo de Danças Austríacas Lindental, de Treze Tílias (SC), que fez sua estreia como convidado na festa. De

* O público total de **4.500 pessoas** foi contabilizado após o fechamento da edição impressa.



Foto: MP

Nikita Geier:

“A Maibaumfest tem uma importância muito grande para a nossa comunidade”.

crianças a seniores, todos participaram ativamente das apresentações. Para os visitantes e o público mais jovem, o dia foi repleto de atrações culturais, pratos típicos e brincadeiras, como o “Chope em Metro” e a “Disputa do Serrador”, que garantiram risadas e bons momentos ao longo do evento.

Julio Hülse, residente de Entre Rios, e participante da festa há muitos anos, destacou a importância do envolvimento intergeracional: “Nós, os mais velhos, damos exemplo aos mais novos, para que essa cultura continue viva ao longo dos anos. Vejo como fundamental essa integração entre as gerações para manter a tradição”.

Embora o evento em formato ampliado ocorra desde 2009, a tradição da Árvore de Maio remonta a muito antes. Era comum erguer árvores em frente aos clubes em cada colônia

é à casa do presidente da cooperativa. Atualmente, os mastros continuam sendo erguidos na noite do dia 30 de abril em cada colônia e retirados ao fim do mês de maio, em um ritual que une os grupos culturais.

Mesmo quem não é descendente direto dos suábios está envolvido. É o caso de Eliane Prezepiorski e suas filhas, Milena e Alessandra. Elas, que moram em Guarapuava, escolheram a data para comemorar também o aniversário de Alessandra. “Soube que havia uma pousada na colônia e como o aniversário dela coincidia com a Maibaumfest, decidimos passar o dia e pernoitar por aqui mesmo, para aproveitar melhor”, relata Milena, a irmã mais nova.

Descendentes de poloneses e ucranianos, a família admira o ambiente cultural e familiar que Entre Rios oferece. Elas afirmam gostar muito de assistir às apresentações de dança e música culturais e buscam sempre prestigiar o distrito. “É tão pertinho de casa e tão bom, a comida é excelente, é divertido e, mesmo que não tenhamos a mesma descendência, as culturas acabam tendo alguns pontos em comum. Isso emociona e faz lembrar da nossa própria história”, enfatiza Eliane.

Para os pioneiros, manter a festa é também preservar a memória de seus pais e

avós. “É legal manter a tradição, tomando cuidado para não perder a essência”, pontua a pioneira Rosa Marie Vollweiler, ao que sua amiga e também pioneira, Stephanie Toningner, completa: “E, acima de tudo, é importante manter e guardar a cultura que com o tempo pode se perder. É sempre bom lembrar e festejar juntos”.

E assim, com emoção, memória e música, a Maibaumfest segue viva, firmando-se como um símbolo de união, identidade e continuidade em Entre Rios.

As pioneiras
Stephanie Toningner e
Rosa Marie Vollweiler

“O mais importante é preservar a cultura”.



Júlio Hülse (4º da direita para a esquerda) e parte do Grupo de Danças Folclóricas Adulto

Foto: MP



Eliane Prezepiorski e suas filhas, Milena e Alessandra.

Foto: MP



Foto: MP



Foto: Almir Soares Jr

Galeria de Fotos

Fotos: Almir Soares Jr





Desde 1945, Moor dedicou-se à construção de uma nova pátria para seus conterrâneos.

Fotos: Arquivo Museu Histórico

A última viagem de Michael Moor

Como da dor pela perda de um soldado brotou a semente de uma nova e próspera pátria suábica

Klaus Pettinger

Qual a melhor maneira de se contar uma trajetória marcada por tragédia e heroísmo? Talvez ela comece com um coração irremediavelmente ferido. Um espírito que, mesmo diante da escuridão deixada por duas guerras mundiais, manteve-se firme. E com um ideal de vida claro: construir uma nova pátria para 2.446 suábios do Danúbio no longínquo Brasil. Ao longo de uma década, entre seus 40 e 50 anos de idade, Michael Moor caminhou incansável e obstinadamente à beira do abismo – e ainda assim conseguiu fazer muito mais do que simplesmente sobreviver. O engenheiro agrônomo de formação deu início a uma revolução cujo ápice ele não teria mais a oportunidade de ver com os próprios olhos.

Quando finalmente terminou a Segunda Guerra Mundial, Michael Moor enfrentou a maior tragédia de sua vida. Até então, era reconhecido como cooperativista de sucesso e figura central do movimento cooperativista alemão nos Bálcãs. Com a criação do Estado Independente da Croácia, em 1941, e a conseqüente reorganização das cooperativas alemãs na região, Moor assumiu a liderança e presidência da “Central de Cooperativas Alemãs de Compra e Venda”, fundada em 2 de setembro de 1941 em Esseg (hoje Osijek), que chegou a reunir 154 cooperativas até dezembro de 1943. Sob sua liderança, tornou-se uma das instituições

mais relevantes do cooperativismo alemão na Eslavônia, contribuindo decisivamente para o desenvolvimento econômico das comunidades suábicas da região.

Muito antes disso, o suábio do Danúbio nascido em 30 de maio de 1904 em India, no norte da Voivodina (então Sérvia), já demonstrava ambição. Estudou o ensino primário em sua terra natal, frequentou o ensino médio em Agram (nome alemão de Zagreb, capital da Croácia) e também em Graz, na Áustria. Ao concluir seus estudos na Escola Colonial Agrícola de Witzzenhausen an der Werra, na Alemanha, já havia vivido, estudado e trabalhado em três países diferentes.

De volta à Voivodina, fixou-se em Tovarnik, na região de Schid, Croácia, na fronteira com a Sérvia. Casou-se ali com Katharina Lemler, em 25 de setembro de 1926. Em Tovarnik, construiu uma fazenda-modelo de sucesso e dedicou-se desde cedo ao cooperativismo rural. Em 1927, nasceu seu filho Walter. Quase ao mesmo tempo, Michael Moor fundou a cooperativa agrícola de crédito e produção Bauernhilfe. No ano seguinte, foi nomeado para o conselho de administração da cooperativa central Agrária, em Neusatz (Novi Sad).



Recepção do primeiro transporte na Escola Lacerda-Werneck.

Em 1930, avançou mais um passo, tornando-se membro do conselho da Cooperativa Alemã de Suinocultura, também em Neusatz. Por fim, entre 1939 e o final da guerra, atuou como presidente da organização agrícola central Agrária e como líder agrícola regional da Croácia, com sede em Tovarnik.

Ironicamente, enquanto o sistema cooperativista atingia seu auge, Moor enfrentava sua “batalha particular”. Como líder comunitário conhecido e respeitado, lutou ao máximo para livrar os jovens suábios da obrigatoriedade do serviço militar. Seu objetivo era nobre: garantir o futuro da comunidade. No entanto, seu poder de influência não foi suficiente para todos, de modo que ele teve de tomar a decisão mais difícil de sua vida: enviar o próprio filho à guerra.

“Os jovens eram todos convocados para a guerra, mas ele conseguiu encaminhar muitos para a Alemanha, incluindo escolas agrícolas ou para profissões técnicas”, explica o pioneiro Anton Lemler (91), primo da esposa de Moor, Katharina. Ou seja, a influência de Moor poderia ter protegido até mesmo o próprio filho. Mas ele não fez uso dela.

“Seu caráter não permitiu”, resume Lemler.

O avanço do Exército Vermelho obrigou Michael Moor a ajudar seus conterrâneos na fuga. Ele organizou evacuações, salvou o que ainda podia ser salvo e, como tantos outros, perdeu sua terra natal. Pouco tempo depois,

Reunião das cooperativas das colônias: até o fim, Michael Moor lutou pelo bem-estar dos colonos.



perdeu também o que mais lhe era precioso na vida. No final de abril de 1945, poucos dias antes do colapso do Terceiro Reich, o único “soldado” de Moor tombou na fronteira entre a França e a Alemanha, durante as batalhas finais da frente ocidental. “Moor esteve uma vez conosco e disse que não conseguiria conviver com a ideia de que alguém pudesse acusá-lo de ter privilegiado seu próprio filho em detrimento dos outros jovens”, recorda Lemler.

As consequências dessa decisão exemplar, mas profundamente dolorosa, ecoaram muito além do luto pessoal. Abalaram até mesmo seu casamento com Katharina Lemler, que jamais conseguiu perdoá-lo pela morte do filho de 17 anos.

O que pode temer um homem que já perdeu, de forma tão trágica, o que tinha de mais valioso? “Depois da morte do filho, Moor decidiu dedicar-se à missão de fundar uma nova pátria para os suábios do Danúbio”, relata o pioneiro Anton Abt na matéria “Michael Moor: Primeiro Presidente da Agrária”, publicada na edição de julho de 1996 do jornal Entre Rios. Anton Lemler também se recorda: “Ele já não tinha mais ninguém. A colônia passou a ser sua missão de vida”.



Renúncia de Michael Moor em outubro de 1954: o fim de uma relação de décadas.

Em um documento de 1953, preservado pelo Museu Histórico de Entre Rios, o próprio Michael Moor expressa com clareza a firmeza de seu propósito: “Desde 1945 venho me dedicando ao planejamento da realização de uma colonização, movido pela, como se confirmou ao longo do tempo, correta percepção de que não havia lugar para nossos agricultores na Áustria. Além disso, todas as famílias camponesas refugiadas do Sudeste europeu jamais poderiam retornar à sua profissão de origem”.

O plano de colonização foi uma obra-prima sem precedentes, e só se tornou possível graças à coragem extraordinária de Michael Moor. “Seus méritos estão em sua obstinação e persistência na busca por seus objetivos, e em sua notável capacidade de fazer valer sua vontade”, escreveu o Dr. Carlos Mariotti à Ajuda Suíça à Europa, em 6 de janeiro de 1952.

Reservado, mas extremamente confiante e inteligente, o engenheiro agrônomo canalizou todas as suas forças para esse propósito. Lá onde tantos sucumbiram à burocracia, à política ou ao luto, ele implantou seu sonho: munido apenas de sua vontade, da experiência, de um

coração carregado de culpa e de um passaporte rasgado. Dois conflitos mundiais, incontáveis perdas e um plano. Após a guerra, Michael Moor se viu sem recursos na Estíria (Áustria), cercado por desalojados, viúvas e crianças. “Fomos nós que tivemos de arrancar nosso povo de suas casas. Agora é nossa obrigação oferecer-lhes um novo lar”, teria dito à época.

A visão de Michael Moor era audaciosa: reassentar milhares de suábios do Danúbio em uma nova



A preservação da tradição suábica do Danúbio também foi uma prioridade da gestão de Moor (ao centro).

terra, sob um novo céu, em um novo país. E ele tinha um destino claro em mente: o Brasil. Um país que oferecia futuro, terras férteis, vontade política e, acima de tudo, abertura para acolher famílias inteiras de imigrantes.

Ao lado do padre suábio Josef Stefan e com o apoio da Caritas Internationalis e da Ajuda Suíça à Europa, Moor deu início à execução de um plano de imigração meticulosamente elaborado. Viajou pelo Brasil, percorreu regiões como Goiás, avaliou solos, condições climáticas, infraestrutura — ou ao menos o que havia disponível na época. O cenário parecia promissor até que um novo nome entrou em cena: Francisco Peixoto de Lacerda Werneck, então secretário da Agricultura do Paraná, que sugeriu uma região pouco conhecida chamada Guarapuava.

“Ao retornar do Brasil, ele nos trouxe amendoins e uma garrafa de cachaça. Mas da cachaça mesmo só vimos a garrafa”, conta Lemler, entre risos. “Sobre o Projeto Brasil, no entanto, ele não nos contou uma palavra”.

Foi ali, no terceiro planalto paranaense, que Michael Moor e seus companheiros encontraram o que procuravam. E, a partir desse momento, tudo passou a acontecer com uma rapidez surpreendente ao longo do ano de 1951. Em fevereiro, foi aberto o período de inscrições em Linz, na Áustria. Após uma reunião decisiva em 1º de maio, em Curitiba, a comissão de estudos seguiu para Guarapuava. No sábado, 5 de maio de 1951, foi oficialmente fundada a Cooperativa Agrária Limitada. O engenheiro Michael Moor foi eleito o primeiro presidente.

No dia 22 de maio, o navio Provence partiu de Gênova com o primeiro grupo de imigrantes. O próprio Moor celebrou seu 47º aniversário em 30 de maio. Já no dia seguinte, foi realizada a primeira compra de terras. Pouco depois, em 8 de junho, chegavam a Guarapuava os primeiros 221 pioneiros suábios do Danúbio. Quase 30 anos após a criação da cooperativa com o mesmo nome em Novi Sad, a Agrária viabilizou a entrada de 2.446 refugiados no Brasil, oferecendo a eles a chance de recomeçar. “Moor era reservado, falava pouco, mas tudo o que decidia fazer, ele realizava”, resume Lemler.

Ainda que o grande sonho de Michael Moor fosse assentar até 100 mil suábios do Danúbio, o que não pode ser concretizado, ele conseguiu oferecer um novo futuro a 500 famílias. Pessoas com rostos, histórias e feridas. Homens e mulheres que entendiam de agricultura, mas já não possuíam terras. Suábios do Danúbio que desejavam apenas uma coisa: viver com dignidade. “Seu jeito calmo, que nem sempre refletia uma paz interior, causava impacto por onde passava. Era extraordinariamente trabalhador e possuía, em alto grau, uma astúcia agrícola nata”, descreveu o Dr. Mariotti.

O projeto foi executado exatamente como planejado, ainda assim não era perfeito. A distribuição das terras, por exemplo, desconsiderou obstáculos geográficos e agrícolas como rochas, riachos e banhados. Dificuldades econômicas e disputas políticas levaram Michael Moor a deixar a Cooperativa Agrária em duas ocasiões. Quando a comissão suíça chegou à colônia, em março de 1952, logo após a chegada dos sete primeiros transportes de imigrantes, já havia sinais de divisão entre os colonos.

No dia 31 de março, a comissão realizou um plebiscito entre os assentados. O resultado foi favorável à posição suíça: das 439 cédulas válidas, 161 votaram a favor e 278 contra o engenheiro Moor. Diante deste cenário, ele renunciou ao cargo de presidente pela primeira vez. Sob pressão de representantes do Banco do Brasil, que, do contrário, não liberariam novos créditos, Michael Moor foi reconduzido à presidência. Em uma assembleia geral extraordinária realizada em 25 de abril de 1952, foi novamente eleito presidente da Agrária, com 20 votos favoráveis, nenhuma objeção e 14 abstenções.

Até o fim de seu mandato, em outubro de 1954, Moor lutou em duas frentes: pelo bem-estar dos colonos e contra as acusações de seus opositores políticos. “Ele era muito invejado, porque já na antiga pátria era querido por muitos. Da mesma forma, conquistou respeito e admiração em Entre Rios”, conta Lemler. “Ele ficou muito abalado. Chegou a chorar quando nos disse que estava partindo”.

Assim se encerrava uma trajetória iniciada dez anos antes, marcada pela fuga e pela expulsão dos suábios do Danúbio. “Ele chegou a dizer uma vez: ‘A colônia é como um filho para mim’”, registrou Anton Abt no mesmo artigo de 1996. “Depois que ele deixou a colônia, nunca mais tivemos contato com ele”, relata Anton Lemler.

Um ano mais tarde, Moor obteve a cidadania austríaca. Em 1956, voltou ao Brasil uma última vez, desta vez para São Paulo. No entanto, sua atuação por lá permaneceu alheia aos registros históricos. Em 1958, retornou definitivamente à Áustria. Estabeleceu-se em Blindenmarkt, onde assumiu um cargo modesto como administrador agrícola. Pensando na aposentadoria, para a qual ainda não havia contribuído, criou uma granja modelo de suínos, trabalhou com rigor e levou uma vida privada discreta e reservada.

Pouco mais de dez anos após sua renúncia à presidência da Agrária, Michael Moor faleceu inesperadamente em 23 de junho de 1965, vítima de um infarto. Foi sepultado no cemitério de Blindenmarkt, ao lado de sua segunda esposa, Stefanie Jug.

Hoje, 60 anos após sua morte, ele dá nome à larga e bem preservada avenida Michael Moor, que conecta o jardim de infância, o Colégio Imperatriz Leopoldina, o Centro Cultural Mathias Leh, o Museu Histórico, o hospital Semmelweis e o Lar de Idosos ao restante da Colônia Vitória. Michael Moor não foi diplomata, nem político, nem general. Foi agricultor, engenheiro, pai. Poderia ter levado uma vida confortável. Mas a Segunda Guerra Mundial não deixou espaço para idealismos. Poderia ter se afundado na dor pela perda do filho. Em vez disso, ergueu, a partir do nada uma nova pátria. Fê-lo com a força do cooperativismo e com a persistência de seus conterrâneos.

E mesmo que o reconhecimento merecido não tenha vindo em vida, apesar dos anos de dedicação e dos inúmeros sacrifícios financeiros e pessoais, Moor enxergava, nos olhares gratos dos moradores de Entre Rios, o reflexo de seu filho. Pelo menos de um deles.

PASSADO E FUTURO

Com o auxílio de inteligência artificial, a equipe de comunicação da Fundação Cultural Suábio-Brasileira produziu um vídeo em homenagem aos 121 anos de nascimento de Michael Moor.



O vídeo está disponível nas páginas da Fundação no Instagram e no Facebook, assim como por meio deste QR-Code e do link abaixo:

<https://www.instagram.com/p/DKRswk6q5mC/>



Fotos: Arquivo pessoal



Em 2010, Roseli Essert escreveu textos para a Revista de Entre Rios, como o artigo sobre essa típica receita de Anna Heinrich.

Pronta para qualquer desafio: a trajetória de 40 anos de Roseli Brandtner Essert na Agrária

Bárbara Miranda

Era dezembro de 1984 quando a jovem inquieta, que acabara de concluir o Ensino Médio, procurou a Agrária em busca de seu primeiro emprego. “Sempre fui muito elétrica, por isso, queria começar a trabalhar logo. Naquela época, o seu Mathias (Leh), como presidente da Cooperativa, incentivava muito que os jovens trabalhassem aqui”, recorda Roseli Brandtner Essert.

Conhecida pela comunidade por sua longa experiência na Rádio Unicentro Entre Rios FM, Roseli iniciou seu caminho na Agrária em 1984, no setor que hoje é chamado de Secretaria Executiva. Sua primeira função foi a de recepcionista, mas, em poucos meses, ela acabou mudando de cargo. “Eu não tinha gostado muito da atividade. Conversei com a minha chefe e pedi para trocar de posto. Comecei a trabalhar com as correspondências recebidas via fax, e passei a ter contato com todos os setores da Agrária”, conta.



Roseli (2ª da esquerda para a direita) e colegas da secretaria da Agrária celebram um momento especial no escritório do então presidente Mathias Leh.

Aliás, foi devido à interação com as demais áreas da Cooperativa que Roseli conheceu seu esposo, Roberto Essert, que na ocasião trabalhava no departamento Financeiro. Juntos, eles têm dois filhos, Andy e Michaela. “Nunca deixei de trabalhar, mesmo depois do nascimento das crianças. Não era fácil, afinal, eu sou do tempo em que usávamos fraldas de pano nos bebês”, comenta, aos risos. “À noite, quando voltava do trabalho, sempre havia muito serviço. Mas também recebi ajuda para cuidar deles, especialmente da minha sogra.”

Durante o período em que esteve na Secretaria Executiva, além de trabalhar no envio e recebimento de correspondências, Roseli contribuía com a tradução de cartas e comunicados para a língua alemã. Por ter vivido na Alemanha durante a infância, ela sempre teve mais facilidade com a gramática do idioma, que difere bastante do português. “Fui alfabetizada em alemão, por isso tenho o sotaque forte. Quando voltamos a Entre Rios, eu não falava uma palavra em português, tive que aprender primeiro”, explica.

Atualmente, a inquieta Roseli, tal como no início deste texto, não para. Ela é responsável por atualizar a linha do tempo do Museu Histórico de Entre Rios, além de ministrar aulas de alemão para os colegas da Fundação Cultural Suábio-Brasileira, desde o nível iniciante até o avançado. “Meu conselho para os mais jovens que querem construir suas carreiras na Agrária é fazerem o que gostam. Se não estiverem bem com determinada atividade, devem procurar seus gestores e pedir uma oportunidade em outro cargo. E, claro, não tentar impor suas ideias a todo custo, mas respeitar sua liderança, pois os líderes estão nessa posição por um bom motivo”, reflete.

Ao olhar para sua trajetória profissional, Roseli se sente realizada e descreve a cooperativa como uma comunidade que se tornou sua segunda família.



Durante uma entrevista ao vivo na Rádio Unicentro Entre Rios, no ano de 2013.

Em 1991, a intimidade de Roseli com a língua alemã fez com que ela fosse convidada a trabalhar na Fundação Pioneira de Radiodifusão Educativa do Paraná (antigo nome da Rádio Unicentro Entre Rios FM), produzindo conteúdos para a programação dedicada à comunidade suábica. “Eu não sabia nada sobre produzir ou conduzir um programa, mas, de repente, já estava apresentando, além de escrever para a Revista de Entre Rios”, revela.

Passaram-se 28 anos, até que ela decidisse que era o momento de encarar novos desafios. Assim, em 2019, após uma conversa com sua gestora, Roseli, ao lado da colega Maria Dolores Stoetzer Schneiders, foi designada para escrever o livro que conta a história do povo suábico em Entre Rios. “Era um projeto que já havia sido pausado e não podia morrer. Eu não entendia nada sobre a parte editorial de um livro, portanto, aprendi tudo do zero. Às vezes, eu pensava que não iríamos dar conta, mas no fim deu tudo certo”.



Roseli e Lore na finalização do livro História de Entre Rios, no final de 2021.

Exames ocupacionais no Hospital Semmelweis: Agrária otimiza seu atendimento ao colaborador

Bárbara Miranda

Em 2024, com o início do ciclo estratégico Atitude 5C, a saúde e a segurança dos colaboradores tornaram-se ainda mais prioritárias para a Agrária. Dessa forma, após alguns estudos, foram implantadas novas avaliações dentro dos exames ocupacionais, que vão além daqueles exigidos pela legislação trabalhista. “Percebemos a oportunidade de conhecer melhor o nosso público interno e de orientá-lo em casos de problemas de saúde preexistentes”, comenta a coordenadora do departamento de SSMA (Saúde, Segurança e Meio Ambiente), Narjara Coelho Dittert.

Hoje, os exames periódicos realizados nos colaboradores conseguem identificar pontos de atenção de potenciais riscos à saúde no futuro, como a pré-disposição para o desenvolvimento de diabetes, por exemplo. Além disso, todos os funcionários passam por uma avaliação psicossocial.

Outra alteração ocorrida nos últimos dois anos é realização dos exames ocupacionais no Hospital Semmelweis. Atualmente, apenas os colaboradores da Malaria Campos Gerais, por uma questão de logística, não passam pelas avaliações periódicas no distrito de Entre Rios. “Junto com a equipe do Hospital, fizemos um estudo para verificar se a legislação permitia que esses exames fossem feitos dentro da nossa própria estrutura. Essa mudança tornou os processos mais ágeis”, relata Narjara.

Segundo a coordenadora da Fundação Semmelweis, Andrea Milla, o projeto para realização de exames ocupacionais no Hospital existe desde 2019. Inclusive, outras empresas do distrito de Entre Rios já utilizavam a estrutura para esses fins. “Com os exames ocupacionais conseguimos aproveitar melhor os equipamentos que temos disponíveis e que não eram usados diariamente, como o raio-x. Além disso, notamos que nossa equipe conseguiria atender também a demanda da Agrária”, comenta.

Ainda de acordo com Andrea, a realização dos exames ocupacionais da Agrária dentro da estrutura do Hospital reverte em receita para a Fundação Semmelweis. “É um valor que permanece no nosso próprio hospital”, afirma.

Desde maio desse ano, os exames ocupacionais são realizados em um novo espaço.



Com um exame ocupacional mais completo a Agrária consegue contribuir para a qualidade de vida dos colaboradores.

Mais exames, um novo espaço

Os exames ocupacionais no Hospital Semmelweis acontecem sempre às terças e quintas-feiras. Diariamente, a equipe consegue atender até 30 pessoas. Pensando em melhorar o fluxo na unidade de saúde, desde 6 de maio as avaliações passaram a ser feitas em um outro espaço, nos fundos do Hospital, onde até então funcionava a sala de reuniões da equipe. O departamento de projetos da Agrária conduziu uma reforma no local, para que ele pudesse ser utilizado para esse fim.



Fotos: Tayná Pruenzi

O Hospital Semmelweis consegue realizar até 30 exames ocupacionais por dia.

Novos exames, mais qualidade de vida

O colaborador Lucas Guilherme de Lima Souza trabalha no Ambulatório da Unidade Guarapuava e, por atuar na área da saúde, já suspeitava de alguns sintomas que indicavam a diabetes. Entretanto, a confirmação veio apenas após os exames adicionais realizados no novo protocolo da Agrária. “A análise padrão geralmente é voltada à função ou aos riscos que estamos expostos. Com os exames de qualidade de vida, podemos identificar como está nossa saúde fora do trabalho, se estamos bem ou não, e isso acaba impactando no trabalho. Considero o exame periódico de extrema importância para estar com minha saúde em dia”, revela.



O vice-presidente da Agrária, Manfred Majowski (à esquerda), o diretor financeiro Edmund Gumpl e o diretor secretário Cristian Abt durante a inauguração oficial da ampliação.

Ampliação permite que Lar de Idosos Nossa Senhora de Lurdes receba mais moradores

Bárbara Miranda

Inaugurado em janeiro de 2022, o Lar de Idosos Nossa Senhora de Lurdes foi criado para atender a um antigo desejo da comunidade de Entre Rios: a existência de um espaço de acolhimento e atendimento com excelência, destinado a pessoas que precisam de cuidados constantes, independentemente da idade.

O ambiente familiar do Lar atraiu pessoas da terceira idade que fazem parte da comunidade e que não necessariamente dependem de cuidadores de forma permanente. Com isso, a Agrária viu a necessidade de ampliar a estrutura. As novas instalações foram inauguradas no dia 23 de maio. “Esse é mais que um espaço físico, é uma conquista coletiva, que representa o compromisso da nossa Cooperativa com os nossos pioneiros”, afirma Andrea Milla, coordenadora do Lar de Idosos.

Com a ampliação, foram construídos mais oito quartos, possibilitando que o Lar receba até 25 moradores. Entre as mudanças também estão a construção de uma sala específica para fisioterapia, uma sala para terapia ocupacional e o aumento do espaço da área de convivência, onde os moradores realizam diversas atividades, como comemorações. Ainda houve mudanças na área externa, com a instalação de uma academia para a terceira idade e a construção de uma horta.

A pioneira Katharina Leh, 89 anos, vive no Lar de Idosos Nossa Senhora de Lurdes há dois anos e meio. Antes, ela morou por oito anos em um lar de idosos em Peritiba, Santa Catarina. “Gostava muito de lá, e estou gostando muito de morar aqui, porque todos os dias temos uma atividade. Só estou ficando mais gordinha, pois perto dos filhos e dos netos sempre tem alguém me convidando para almoçar ou jantar”, brincou.

Silvana Spiess Ducat explica que a avó, Rosina, foi levada para o Lar de Idosos após sofrer uma queda em casa. Ela morava sozinha e, inicialmente, ficaria no local até melhorar. A adaptação da pioneira



Fotos: Sandra Mara Pereira

Os novos espaços foram inaugurados solenemente no dia 23 de maio.

foi tão boa que ela optou por continuar vivendo no Lar, mesmo após o período de recuperação. “Aqui nossos idosos encontram amigos que não viam há muito tempo, não só entre os moradores, mas também entre os visitantes. A gente percebe que toda a equipe tem um olhar humano e trata os moradores com muito carinho”, destacou Silvana.

Para a enfermeira Fernanda Maria de Siqueira Santos, supervisora do Lar de Idosos, a experiência junto aos moradores tem sido transformadora. “Sempre digo que aqui somos como uma grande família. Todos os dias eu e a equipe aprendemos muito com eles. Quando encontro alguma criança ou adolescente visitando o Lar aconselho a aproveitarem bem seus *Otas* e *Omas* (avós), eles têm muito a ensinar”, disse.



Fotos: Arquivo pessoal

Raimundo Sauer:

“Ao olhar para trás, sinto-me realizado”.

Um filho de Entre Rios no Cerrado mineiro

Mariana Papi

Nascido em 1956, na Colônia Vitória, Raimundo Sauer carrega em sua história as marcas da imigração, do trabalho coletivo e do espírito empreendedor herdado dos primeiros suábios do Danúbio.

Filho de Albert Sauer e Apollonia Wiedermann Sauer, jovens croatas que chegaram ao Brasil em 1951, se conheceram e se casaram aqui, Raimundo cresceu entre plantações e cadernos escolares no interior do Paraná. Um cenário simples, mas que lhe deu as bases para se tornar, anos mais tarde, uma das principais lideranças cooperativistas no Cerrado mineiro.

Sua trajetória reflete o espírito daqueles que ajudaram a construir Entre Rios, mesmo quando a vida o levou para longe. Em 1970, quando Raimundo tinha 14 anos, a família decidiu retornar à Alemanha. “Minha mãe sempre teve o sonho de voltar. Em 1970, meu pai cedeu, e nós fomos: eu, meus pais e minhas duas irmãs”, conta.

A mudança, porém, não foi um rompimento com o Brasil. A pátria amada continuou em sua memória como um lugar de oportunidades, e o retorno, doze anos depois, aconteceria por escolha própria. “O Brasil me puxou de volta”, brinca. Antes, porém, Raimundo terminou os estudos na Alemanha, serviu por quatro anos na Aeronáutica e se formou em Engenharia Mecânica. Foi só em 1982, aos 26 anos, que ele desembarcou novamente em sua terra natal.

A princípio, voltou para Entre Rios, onde passou um tempo trabalhando na lavoura de um tio. Mas, em dezembro do mesmo ano, durante uma visita a amigos no Distrito Federal, conheceu o lugar onde fincaria raízes: Unaí, em Minas Gerais. “Gostei daqui. As terras eram baratas, vi a oportunidade e abracei”, relata. Raimundo comprou uma fazenda e iniciou sua atuação no agronegócio local. Em 1986, casou-se com Leonice, com quem vive até hoje e teve dois filhos, Lorenzo e Rodolfo. Estava estabelecida a nova vida de Raimundo.

Um pioneiro da cooperação

A familiaridade com o modelo cooperativista, tão característico de Entre Rios, não ficou para trás. Em 1983, Raimundo tornou-se sócio da COOPA-DF, a Cooperativa Agropecuária da Região do Distrito Federal. Tudo ia bem até que, em 1985, por questões financeiras, ele e outros associados da região de Unaí saíram da cooperativa e, juntos, decidiram fundar a Coagril.

A cooperativa, que começou com cerca de 50 associados, hoje soma mais de 500. “A Agrária formou minha percepção de cooperativa, de como ela deve funcionar, e a gente introduziu isso aqui”, afirma. Raimundo fez parte da primeira diretoria da Coagril, ajudando a estruturar a nova organização. “No começo, nossa principal dificuldade era a falta de tecnologia, desde o maquinário até as sementes adequadas para a nossa região. Muitas vezes, a gente plantava soja do Paraná, porque não havia nada específico. Até que veio a soja chamada ‘Cristalina’, que abriu o portão para a produção na região”, relembra.

Foram anos de muito trabalho, mas que trouxeram enorme satisfação. No ano em que a Coagril comemora 40 anos de história, também figura entre as 500 maiores cooperativas do agronegócio brasileiro. “É muito bom ver tudo o que superamos e criamos nesses anos e, principalmente, ver que a diretoria hoje é composta praticamente pela segunda geração de cooperados: são os nossos filhos atuando, o que é uma grande satisfação”, comenta.

Com uma visão estratégica, Raimundo investiu na diversificação de seus negócios e, depois de uma temporada com a família na Alemanha, no início dos anos 1990, apostou também na pecuária leiteira. Desde então, além do envolvimento com a Coagril, tornou-se associado da Capul, a Cooperativa Agrícola de Unaí Ltda., em cuja diretoria atuou por doze anos, sendo presidente nos últimos oito, até deixar o cargo em 2025.



Raimundo e Leonice visitam o Museu Histórico de Entre Rios: ele carrega consigo traços marcantes de sua terra natal.



Raimundo construiu uma nova vida em Unaí (MG) ao lado de sua esposa Leonice.

Elo permanente com Entre Rios

Apesar da distância geográfica, Entre Rios nunca ficou para trás. Raimundo mantém laços com amigos de infância e valoriza a herança cultural trazida da colônia. “Quem me conhece consegue perceber algumas características bem marcantes da cultura que permaneceram em mim: a organização, a visão de mundo e até mesmo um pouco do sotaque”, brinca.

De volta ao passado e projetando o futuro, Raimundo resume sua trajetória com serenidade: “Hoje, quase aos 70 anos, olhando para trás, eu me sinto realizado.” Nas visitas que ainda faz a Entre Rios, entre reencontros com amigos, familiares e visitas às cervejarias artesanais, revive histórias que conectam Minas ao Paraná. E uma vida inteira à herança suábica.



Creme de Alho

"Knoblauchsoße"

Mariana Papi

Receitas são poderosas fontes de sabores, saberes e tradições familiares. E quando se trata de um prato típico, esses são justamente os ingredientes principais. Nesta edição, trazemos o *Knoblauchsoße*, um creme de alho típico da culinária suábica que atravessou gerações e fronteiras até chegar a Entre Rios.

Waltraud Schmidt compartilha conosco o preparo que aprendeu com sua mãe, Maria Jurgovski, e com sua avó, Veronika Thoman, que trouxeram da antiga Iugoslávia, atual Croácia, essa receita como parte de sua herança. "Meus filhos adoram. Quando cozinho, todos eles, os netos e os genros, vêm almoçar aqui em casa", conta Waltraud. Segundo ela, o prato é especialmente apreciado em dias frios.

Para acompanhar o creme, recomenda-se preparar uma sopa de sua preferência e, dentro dela, cozinhar a carne. Depois, serve-se a sopa como entrada e a carne como acompanhamento. Assim, todos os sabores se conectam, tornando a experiência ainda mais acolhedora e reconfortante.

O *Knoblauchsoße* é uma receita simples e sem segredos, ideal para quem busca praticidade sem abrir mão do sabor. A seguir, aprenda como preparar esse clássico.

Waltraud Schmidt:
"Quando cozinho esse prato, todos vêm almoçar aqui em casa".



O *Knoblauchsoße* servido juntamente com a carne preparada na sopa.

Fotos: Arquivo Pessoal

Ingredientes:

- 4 dentes de alho
- 5 colheres de farinha de trigo
- ½ xícara de óleo
- 700 ml de leite
- 1 kg de músculo bovino

Modo de preparo:

Doure a farinha no óleo. Assim que adquirir uma cor dourada, acrescente o alho amassado e frite por mais alguns instantes. Adicione o leite aos poucos, mexendo sem parar até formar um creme.

Se a mistura ficar muito espessa, adicione mais leite.

A carne deve ser bem cozida na sopa da preferência de quem prepara a receita.



A sopa, o *Knoblauchsoße* e a carne



Waltraud Schmidt prepara sua receita de *Knoblauchsoße*.

Contrapartida social para alunos da Escola Princesa Isabel

No dia 9 de abril, a Fundação Cultural Suábio-Brasileira levou um pouco da tradição suábica à Escola Municipal Princesa Isabel. Por meio de uma atividade especial, os alunos puderam conhecer as tradicionais danças suábicas e alemãs. A ação, conduzida pelas professoras Cristiane Zuber, Natascha Buhali e Kamila Correia, juntamente com o professor Robson Batista, despertou o interesse pela cultura e proporcionou momentos de integração na rotina escolar.



Foto: Fundação Cultural

Abertura da nova exposição temporária

No dia 25 de abril, o Museu Histórico de Entre Rios inaugurou oficialmente sua primeira exposição temporária de 2025. Com a temática comovente intitulada “Anna e o Castelo de Madeira – a infância dos Suábios do Danúbio de Entre Rios”, o evento emocionou os 77 presentes, inclusive pela primeira apresentação pública do Coral da Educação Infantil da Fundação Cultural. A exposição reúne objetos de infância, peças de acervo e jogos tradicionais, além de estações interativas.

Um destaque especial é o conto “Anna e o Castelo de Madeira”, que convida o visitante a uma jornada poética pela infância dos filhos de imigrantes suábios. A mostra fica aberta até setembro, com entrada gratuita.



Foto: Fundação Cultural

2º Recital do Recreio no Colégio Imperatriz



Foto: Fundação Cultural

No dia 27 de maio, aconteceu o 2º Recital do Recreio no Colégio Imperatriz. Durante o intervalo, 18 alunos de violino e flauta da Fundação Cultural apresentaram-se aos colegas. Além de vivenciar a valiosa experiência de palco, os jovens músicos inspiraram outros estudantes e despertaram o interesse pela música e pela arte de dominar um instrumento.

Cooperatriz e PAIS arrecadam 3.000 caixas de chocolate

A Páscoa deste ano ganhou um sabor ainda mais especial com a solidariedade da Cooperativa Escolar Cooperatriz, dos colaboradores da Agrária e de toda a comunidade. Por meio do PAIS (Programa Agrária de Integração Solidária), foi promovida uma campanha de arrecadação de caixas de chocolate com o objetivo de alegrar a Páscoa de crianças da região. Ao todo, foram arrecadadas 3.123 caixas, que foram distribuídas em escolas e instituições sociais de Entre Rios, Guarapuava, Pinhão e Carambeí.



Foto: Agrária

74 anos da Agrária



Foto: Agrária

A Agrária comemorou seu 74º aniversário de fundação no dia 23 de maio, com um jantar festivo no Centro de Eventos Agrária. A trilha sonora ficou por conta da Orquestra de Sopros da Fundação Cultural, com apoio do Quarteto de Cordas e da Companhia de Dança DançArte. Após o jantar, os cooperados e familiares assistiram a um show especial do violinista Simão Wolf.

Caça aos ovos de Páscoa 2025



Foto: Fundação Cultural

No dia 12 de abril, 133 participantes, em sua maioria crianças, viveram uma animada e colorida caça aos ovos de Páscoa, repleta de diversão e encantamento. Pintura criativa de ovos, pintura facial e contação de histórias despertaram entusiasmo entre os pequenos. Os coelhinhos da Páscoa também marcaram presença, trazendo sorrisos e brilho aos olhos das crianças.

Derrubada da Árvore de Maio 2025

No dia 31 de maio, Entre Rios realizou a tradicional derrubada da Árvore de Maio. O programa teve início na Colônia Cachoeira e seguiu pela Vitória (Praça da Nova Pátria e Centro de Eventos Agrária), Jordãozinho, Samambaia e Socorro. A Fundação Cultural abrilhantou a celebração com apresentações do Grupo de Dança Juvenil e dos professores de música.



Foto: Fundação Cultural



Foto: Fundação Cultural

Lançamento do programa da turnê europeia

Em 7 de junho, foi apresentado oficialmente, no Centro Cultural Mathias Leh, o programa cultural da turnê europeia de 2025. Diante de um público de 390 pessoas, o Grupo de Danças Folclóricas Adulto e o Grupo Amizade ofereceram uma prévia vibrante das apresentações que farão na Europa. Após o evento, os presentes desfrutaram de um tradicional jantar com Gulasch. A renda foi revertida para apoiar a viagem cultural.

Festa do Dia das Mães do Colégio Imperatriz

A tradicional Festa do Dia das Mães do Colégio Imperatriz ocorreu no dia 11 de maio no Centro de Eventos Agrária. Alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental prepararam homenagens especiais, enquanto os estudantes da 2ª Série do Ensino Médio organizaram uma celebração animada, com churrasco, doces, brincadeiras, sorteios e apresentações culturais.

Rali destaca agricultura sustentável



Foto: Arquivo Agrária

No dia 28 de maio, 29 equipes enfrentaram chuva e frio durante o 6º Rally de Uso e Conservação do Solo e da Água, promovido pela Agrária e pela FAPA, com o patrocínio da Adama, Basf e Spraytech, e o apoio do Sindicato Rural de Guarapuava e do Sistema FAEP. Os participantes percorreram 120 km por Entre Rios, passando por estações com temas como o PAGR (Programa Agrária de Gestão Rural), plantio de cultivos outonais e inverniais e diagnóstico rápido do solo. O evento reforçou a importância da sustentabilidade no campo. O time vencedor foi liderado por David Naiverth, com Alexandre Bruger, Maheus Araújo e Maria Eduarda Lupepsa. O 2º lugar ficou com Manfred Becker, Cristian Abt, Albert Korpasch e Sascha Schwarz. Em 3º, ficaram André Luiz Maziero Regiani, Pedro Henrique Harmatiuka, Milena Nauy e Kerstin Korpasch.



Foto: Fundação Cultural

Novo livro de colorir de Helmuth Petendra

No dia 30 de abril, a Fundação Cultural recebeu exemplares do novo livro de colorir do artista suábio Helmuth Petendra, com o título "Sprichwörter uf Schwowisch" (Provérbios em suábio). Para cada provérbio, Petendra criou uma ilustração que facilita a compreensão das expressões populares. "Helmuth Petendra é um antigo amigo da nossa comunidade. Com sua arte, ele contribui de forma significativa para preservar a história e a cultura dos suábios do Danúbio", destaca Roberto Essert, historiador do museu. Para a nova exposição permanente do museu, Petendra também produziu pinturas exclusivas sobre a Ulmer Schachtel (Barca de Ulm), representando as margens do Danúbio no século XVIII, época da emigração. "Ele sempre nos inspira e mantém viva a memória do dialeto e da herança cultural dos suábios", completa Nikita Geier, coordenadora da Fundação.

Agrária recebe Selo Golden

Pelo quarto ano consecutivo, a Agrária recebeu o prestigiado Selo Golden do prêmio Empresas de Melhor Gestão, concedido pela Deloitte — uma das maiores empresas de auditoria do mundo. A premiação ocorreu no dia 28 de maio, em São Paulo, com a presença do diretor financeiro Edmund Gumpl e da gerente administrativa Elisabeth Stader. O programa da Deloitte, presente em 44 países, avalia empresas com base em quatro eixos: gestão estratégica, operação eficiente, cultura organizacional e governança.



Foto: Torin Zanette

Agrária homenageia colaboradores veteranos



Foto: Agrária

No dia 17 de maio, cerca de 4.000 pessoas, entre colaboradores e familiares, participaram da tradicional Festa do Trabalhador da Agrária no Centro de Eventos. O ponto alto do dia foi a homenagem aos colaboradores que completaram 20, 25, 30, 35, 40 ou 45 anos de trabalho em 2025. A Fundação Cultural também teve 14 colaboradores homenageados por sua dedicação à Agrária. Entre os destaques estão Roseli Brandtner Essert pelos 40 anos de serviço e Maria Dolores Stotzer Schneiders, com seus 45 anos de trajetória na cooperativa.

Concerto “Trazido na mala”

No dia 20 de maio, o concerto “Trazido na mala” encantou os 214 visitantes no Museu Histórico de Entre Rios durante a 23ª Semana Nacional de Museus. O Coral Suábio, o Coral Infantil e o Coral da Educação Infantil, juntamente com o grupo Harmonia, uniram música e memória de forma emocionante. A atividade proporcionou uma imersão na cultura suábica, emocionando todas as gerações.



Foto: Fundação Cultural

Encontro dos Instrumentos de Madeira



Foto: Fundação Cultural

No dia 30 de maio, o Encontro dos Instrumentos de Madeiras da Fundação Cultural encantou o público no Centro Cultural Mathias Leh com momentos musicais emocionantes. Alunos das professoras Karoline Rodrigues Pruenci, Bethany Villalba e Márcia Klann Milla apresentaram um programa variado com flauta doce, clarinete e saxofone. O evento foi presenciado por 148 pessoas.

Agrária lança programa de sucessão rural



Foto: Arquivo Agrária

Com o programa “Raízes”, a Agrária apoia ativamente seus associados no planejamento da sucessão familiar no campo. O lançamento oficial aconteceu em 29 de maio, na Academia IREKS & Agrária, com mais de 150 participantes. Parte do Plano Estratégico 2024–2028, o programa oferece capacitação técnica e financeira a futuros sucessores, além de suporte jurídico para o processo de transição. O diretor secretário Cristian Abt explica: “Com isso, garantimos não apenas a continuidade dos negócios, mas também fortalecemos os vínculos familiares”. Para cooperados como Hermes Naiverth, a iniciativa representa um grande alívio: “É fundamental, pois, muitas vezes, temos dificuldade em acessar informações referentes ao processo legal da sucessão”. Uma ação que assegura o futuro sustentável da agricultura.

Giro Técnico de Cultivos Outonais

No dia 15 de maio, a FAPA promoveu a 3ª edição do Giro Técnico de Cultivos Outonais e Coberturas de Inverno. O objetivo foi apresentar aos associados os benefícios agronômicos da cobertura vegetal na estação fria e novas alternativas de cultivo rentável. Em 15 estações, o evento apresentou ao público minipalestras relacionadas a formas e espécies indicadas para cultivo nesse período do ano. O pesquisador Juliano Almeida destacou o crescimento da demanda por práticas sustentáveis. O evento se encerrou com palestra de especialistas da Agritel e da UFRGS sobre o papel das raízes e das plantas de cobertura na retenção de nutrientes e conservação do solo.

Trauermeldungen

- ❖ Em 9 de maio de 2025, faleceu Stefan Duch, aos 92 anos. Nascido em 16 de novembro de 1932, em Kapan (antiga Iugoslávia), veio a Entre Rios no 4º transporte. Ele deixa seus filhos Walter, Erika, Günter e Rosemarie, além de netos e bisnetos.
- ❖ Barbara Gumpl nasceu em 7 de janeiro de 1927, em Illtsch (antiga Iugoslávia), e veio a Entre Rios no 3º transporte. Faleceu em 24 de maio de 2025, aos 98 anos. Deixa os filhos Roland, Adelaide e Renate, além de netos e bisnetos.
- ❖ Antônio Schramm nasceu em 4 de novembro de 1952, na Colônia Jordãozinho. Faleceu em 25 de maio de 2025, aos 72 anos. Seus pais, Johann Schramm e Magdalena Schlotzer, já o haviam antecedido no descanso eterno.





Turnê Europeia

Grupo de Danças Folclóricas Adulto e
Grupo Amizade

*Cultura suábica, alemã e brasileira em forma
de dança, música e canto.*



Fundação Cultural
Suábico-Brasileira